

## SIMON CONTRA: ETNOGRAFIAS DE UM JOVEM ARTISTA<sup>40</sup>

SIMON CONTRA: ETNOGRAPHIES OF A YOUNG ARTIST

SIMON CONTRA: ETNOGRAPHIES D'UN JEUNE ARTISTE

SIMON CONTRA: ETNOGRAFÍAS DE UN JOVEN ARTISTA

**Henrique Grimaldi Figueredo**

Universidade Estadual de Campinas, École des Hautes Études en Sciences Sociales,  
Brasil, França

**RESUMO:** Com uma mente complexa e falas atravessadas pela velocidade e pelo caos cultural que configuram o mundo visual contemporâneo, Simon Contra é um exímio exemplo de um jovem artista criando e circulando pelo campo da arte. Através dessa etnografia, uma conversa aberta e colaborativa onde as perguntas atuam mais como provocações que esperam recolher respostas apropriadas, buscamos prover um retrato impreciso da juventude criativa e de seus modos de enfrentamento no campo cultural. Orbitando entre a descrença no sistema da arte e a esperança de que os artistas e seus públicos possam galgar os verdadeiros termômetros de consagração, essa conversa com Contra torna-se elucidativa sobre o imaginário social e as estratégias de sobrevivência no acirrado espaço mercadológico e institucional da arte da atualidade.

**Palavras-chave:** Simon Contra, etnografia, entrevista, arte contemporânea.

**ABSTRACT:** With a complex mind and lines crossed by speed and cultural chaos that shape the contemporary visual world, Simon Contra is an excellent example of a young artist creating and circulating in the field of art. Through this ethnography, an open and collaborative conversation where questions serve more as provocations than they hope to gather an appropriate answer, we seek to provide an inaccurate portrait of creative youth and their ways of existence in the cultural field. Orbiting between disbelief in the art system and the hope that artists and their audiences can climb the true thermometers of consecration, this conversation with Contra becomes illuminating about the social imaginary and survival strategies in the fierce market and institutional space of current art.

**Keywords:** Simon Contra, ethnography, interview, contemporary art.

**RÉSUMÉ:** Avec un esprit complexe et des conversations traversées par la vitesse et le chaos culturel qui façonnent le monde visuel contemporain, Simon Contra est l'exemple même d'un jeune artiste qui crée et circule dans le domaine de l'art. À travers cette ethnographie, une conversation ouverte et collaborative où les questions servent davantage de provocations que d'attentes pour recueillir une réponse appropriée, nous cherchons à dresser un portrait imprécis de la jeunesse créative et de ses modes de confrontation dans le champ culturel. Orbitant entre l'incrédulité à l'égard du système artistique et l'espoir que les artistes et leur public puissent devenir les véritables thermomètres de la consécration, cette conversation avec Contra devient elucidante sur l'imaginaire social et les stratégies de survie dans l'espace du marché et d'institutions de l'art d'aujourd'hui.

**Mots-clés:** Simon Contra, ethnographie, interview, art contemporain.

**RESUMEN:** Con una mente compleja y líneas atravessadas por la velocidad y el caos cultural que dan forma al mundo visual contemporáneo, Simon Contra es un excelente ejemplo de un artista joven que crea y circula en el campo del arte. A través de esta etnografía, una conversación abierta y colaborativa donde las preguntas sirven más como provocaciones que como esperan obtener una respuesta adecuada, buscamos traer un retrato inexacto de la juventud creativa y sus formas de

<sup>40</sup> Esta entrevista realizada como parte das atividades de um seminário de pesquisa frequentado pelo autor, atualmente pesquisador visitante no Laboratoire Mondes AMéricains na École des Hautes Études en Sciences Sociales; e integralizada digitalmente – entre Paris, França e Lérida, Espanha – será composta por duas partes: um debate inicial, em português, apresentando o artista e sua obra, e uma segunda seção, uma etnografia, que escolhemos manter em espanhol em respeito à língua materna do entrevistado. Julgamos que sua tradução incorreria na lapidação de ideias e conceitos muito específicos cuja potência reside justamente em sua elaboração originária.

afrontamiento en el campo cultural. Orbitando entre la incredulidad en el sistema del arte y la esperanza de que los artistas y su público puedan cambiarse en los verdaderos termómetros de la consagración, esta conversación con Contra se vuelve esclarecedora sobre el imaginario social y las estrategias de supervivencia en el duro mercado y espacio institucional del arte actual.

**Palabras-clave:** Simon Contra, etnografía, entrevista, arte contemporáneo.

## 1. Simon [Contra] o mundo

Cinquenta anos após a exibição de *Tips for artists who want to sell* (1966-68) (Figura 1) do artista estadunidense John Baldessari<sup>41</sup>, um jovem criador catalão, Simon Contra<sup>42</sup>, desenvolve *Ultimate tips for artists who want to sell* (2016-18) (Figura 2). Através de uma relação dialética e metalinguística que não apenas atualiza o trabalho crítico de Baldessari, como também desnuda as cadeias simbólicas e materiais de um mundo da arte ancorado em regras superestruturais; a obra de Contra, semelhante em composição formal – fundo, cor e fonte – produz, todavia, certas perturbações de ordem sígnica. Inserida em um espaço social e relacional contemporâneo claramente digitalizado e diferentemente da pintura de Baldessari, *Ultimate tips* desdobra-se em duas instâncias possíveis: primeiro como um QR code acessível de qualquer *smartphone*, e, segundo, como um *puzzle*<sup>43</sup> de mil peças cuja montagem configura certamente uma tarefa homérica. Refletir sobre a obra, sobretudo nessa segunda instância instrumentalizada – como *puzzle*/instalação – ativa um ponto de fratura que acena a diversas questões de interesse, nomeadamente aquelas que realocam os debates sobre a sacração das obras e dos artistas na contemporaneidade em um cenário econômico globalizado de sequestro funcional, por parte de instituição e museus públicos, ante a dependência de capitais privados de patrocínio.

A leitura que propomos dessa peça em particular caminha em um duplo sentido que não é unidimensional e tampouco simplista. Ela habita um campo do conhecimento que tensiona simultaneamente a super e a infraestrutura, e mais, o intrínseco de uma ontologia artística, e o extrínseco de suas epistemologias comunitárias. Ao criar um *puzzle* a partir de uma peça textual referenciada na pintura conceitual dos anos 1960, Contra opera uma fragmentação da prática que obriga seus interlocutores a dedicarem tempo e esforço na apreensão de sua mensagem. Essa ação que exige um movimento cerebral – e mesmo físico – de montagem guarda uma relação com certa pedagogia embrutecedora, isto é, de uma pragmática das regras vigentes no universo da arte que passam pelo ensino de uma liturgia legislativa (que uma vez apreendida e seguida), facilitaria o êxito e a consagração artística na contemporaneidade. Nesse sentido, o próprio processo de montagem da instalação define um terreno minado no qual as instruções, na medida em que vão sendo descobertas e lidas, fissuram o substancialismo idealista da criação – do artista livre – para exagerar, com fins de exemplificação, um determinismo da *poiésis* pela *práxis*, isto é, uma cartilha funcional do sucesso artístico que mais possível, se e quando,

---

<sup>41</sup> John Baldessari (1931-2020) foi um artista estadunidense considerado por muitos críticos e teóricos da arte um dos fundadores do conceitualismo nos EUA.

<sup>42</sup> Artista catalão, natural de Lérida, possui bacharelado em História da Arte e Gestão do Patrimônio Artístico pela Universitat de Lleida, e bacharelado em Belas Artes pela Universitat de Barcelona, ambas na Espanha. Site oficial do artista: <https://simoncontra.com/>.

<sup>43</sup> Resolvemos manter a descrição original em inglês fornecida pelo artista. *Puzzle*, nesse sentido, faz referência justamente a um jogo de quebra-cabeça cuja montagem é necessária à integralização da obra e à leitura de sua mensagem.

sujeitado a determinadas fórmulas generativas. O caráter infraestrutural desse processo fica ainda mais evidente quando Contra nos informa que essa obra foi exibida inicialmente em uma exposição organizada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, cujo público, em quase sua totalidade, são jovens artistas em formação, que ainda estão buscando compreender e internalizar os códigos do universo da arte. Nesse caso, se *Ultimate tips* possui significado (e encontra ecos) numa esfera mais interna – formativa – da arte é porque existem regulações e normatizações mais externas – superestruturais – que coordenam esse campo disciplinar e são, de fato, perceptíveis por aqueles que desejam adentrar e permanecer nesse espaço simbólico<sup>44</sup>.

Compreendendo a complexidade desse espaço social conformado por conluíus de agentes autorizados e oligopólios discursivos (Moulin, 1992, 2007), além das disputas envolvidas na elaboração das narrativas artísticas através das listas de referência, das exposições, dos debates acadêmicos, etc (Moureau, 2017), Contra propõe uma cartografia extensiva (Figura 3 e Figura 4) das lutas classificatórias e nos permite, assim, vasculhar os meandros invisibilizados dos modelos definidores do sucesso econômico e da relevância cultural da obra de arte. Para Contra, mostrar o invisível configura um modo de readequação dos poderes que permite ao artista – mesmo vivenciando uma “*conspiranoia*” – a ensaiar outras modalidades de subsistência e [re]existência. Não aleatoriamente o seu trabalho sobre a arte e seus mercados colide com outras criações em um paralelismo temático que encerra em si um exercício de fuga a eixos díspares, de outros mundos possíveis, igualmente interessantes e sensíveis. Por exemplo, em obras pouco usuais no que tange ao uso dos dispositivos, Simon Contra realiza uma precisa e acurada reflexão sobre a política e seus impactos sociais. Em *España se Rompe* (2020), recupera os debates sobre o separatismo da Catalunha ao combinar uma pintura de grande formato na qual a região, ainda pertencente ao Estado espanhol, é vista como uma ilha, desprendendo-se para vagar emancipada no Mar Mediterrâneo, e um capacete original – restaurado por ele – da Guerra Civil Espanhola. Em *The Conspiracy*<sup>45</sup> (2020), obra que julgamos inclassificável, mapeia e aglutina diferentes vídeos, links, gifs, músicas, fotografias, elementos de iconografia religiosa, e inúmeros outros registros (de uma reação de ativista mirim Greta Thunberg à Trump, um concerto de John Cage, gravuras da crucificação de Cristo e estandartes de divindades hindus, Yoko Ono

---

<sup>44</sup> Em uma analogia aos processos de produção e reprodução da crença nos bens simbólicos e das regras que coordenam sua relevância em Pierre Bourdieu, *Ultimate tips* estaria desvelando “a parte da transformação propriamente simbólica, [...], que recebe valor apenas de uma crença coletiva como desconhecimento coletivo, coletivamente produzido e reproduzido” (BOURDIEU, 1996: 198), e mais, se há um conjunto de regras que estipulam as fórmulas generativas do sucesso – tema central do trabalho de Contra – é porque há “o efeito mais bem oculto desse conluio invisível, a produção e reprodução permanente da *illusio*, adesão coletiva ao jogo que é a um só tempo causa e efeito da existência do jogo” (BOURDIEU, 1996: 193).

<sup>45</sup> Obra digital disponível em: <https://simoncontra.com/the-conspiracy-virus-diaries>, acesso pelo autor em 19/04/2021.

gritando em uma exposição, a rotina de beleza para vôo da top model Naomi Campbell) no desenvolvimento de uma fabulação, uma teoria “coesa” do caos que nos cerca e que cambia o apocalipse mítico em projeto político. Na série de pinturas *Miami Lies*, também de 2020, paisagens e a vegetação superpõem-se sem obliterar figuras e textos secundários que habitam o imaginário social e os bilateralismos contemporâneos: uma pichação do Vox, partido ultradireitista da Catalunha, uma bandeira da China acompanhada de uma chuva de meteoros, ou ainda o símbolo da OMS ao lado de um “dente-de-leão viral”.

Participando em diferentes níveis – regional, nacional, continental e transnacional – desse universo da arte<sup>46</sup>, Simon Contra já exibiu sua obra em bienais e exposições na Europa e América Latina<sup>47</sup>, figura também em catálogos de referência desenvolvidos na Espanha<sup>48</sup> e, em fevereiro de 2022, participará da mostra *Imaginarios multiespecies: el arte de vivir en un mundo de contingencia e incertidumbre*, sob curadoria de Christian Alonso<sup>49</sup>. Sintetizando ambos, o papel de um jovem artista contracultural que oscila entre distintas temáticas e dispositivos, mas também o de um criador que objetiva fazer sua obra circular internacionalmente, Simon Contra preconiza um ponto de inflexão importante para compreendermos a posição e as estratégias de sobrevivência e disputa no campo da arte contemporânea. Nessa conversa desterritorializada entre Paris e Lérida, Contra discute uma série de pontos cruciais às inquirições sociológicas e históricas da arte: de sua relação com os espaços legitimados à sua *práxis* específica que o libera para escolher mídias distintas para cada trabalho; da proximidade com a música aos seus referenciais teóricos e artísticos; dos polos de produção de resistência na Catalunha à centralidade do sistema mercadológico da arte em Madri. De respostas intrincadas, essa conversa é mais que um vislumbre sobre o caos calmo da mente de um artista contemporâneo, consiste na promoção de um protocolo disruptivo de pesquisa que

---

<sup>46</sup> A ideia de universo aqui corresponde a uma aplicação, ainda que panorâmica, da noção desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Renato Ortiz (2019) que aponta a uma série de coordenadas simbólicas e físicas que em conjunto são capazes de mobilizar um significado comum. No caso da arte, este universo estaria atrelado à participação dos artistas em distintos pontos que quando vislumbrados em conjunto produziram um determinado valor.

<sup>47</sup> Com destaque para as mostras *Art in mind* na The Brick Lane Gallery, em Londres (2008); *Anonyme Zeichner* na Galerie Nord/Kunstverein Tiergarten, em Berlim (2013); *Find us* na Utopic Gallery, em Madrid (2012-13); V Festival de Videoarte de Barcelona (2013); Prêmio Internacional de Artes Plásticas Caja Extremadura (2011) que incorporou sua obra ao acervo da instituição; DIS-CONFORMIDADES, na Fundación Felícia Fuster, em Barcelona (2019); e a Vivo Arte.Mov, em Porto Alegre-Belo Horizonte-São Paulo, Brasil (2010).

<sup>48</sup> Destacamos entre eles, o catálogo da Biennial de Valls de 2015 e o livro publicado em ocasião da Biennial d’Art 2017 no Museo de Arte Moderno de Tarragona. Além disso sua obra também é listada em catálogos de mostras em Barcelona e Madri organizadas por Teresa Martín, Joana Hurtado e Rosa Pérez.

<sup>49</sup> Christian Alonso (Lleida, 1987) é investigador, escritor e curador residente em Barcelona. Professor de História da Arte na Escuela Superior de Diseño ESDi, na Universitat de Lleida e na Universitat Oberta de Catalunya. Também é coordenador do programa de curadoria On Mediation (AGI-UB, 2013-2021) e diretor dos simpósios internacionais Ecologías mutantes en el arte contemporáneo (MACBA, 2016-2021).

pretende apreender os modos de reescrita da cultura como prática social, sobretudo nos circuitos de jovens artistas que desejam não só estabelecerem um diálogo aberto e colaborativo em nível mundial, mas também sobreviverem daquilo que elegeram como profissão.

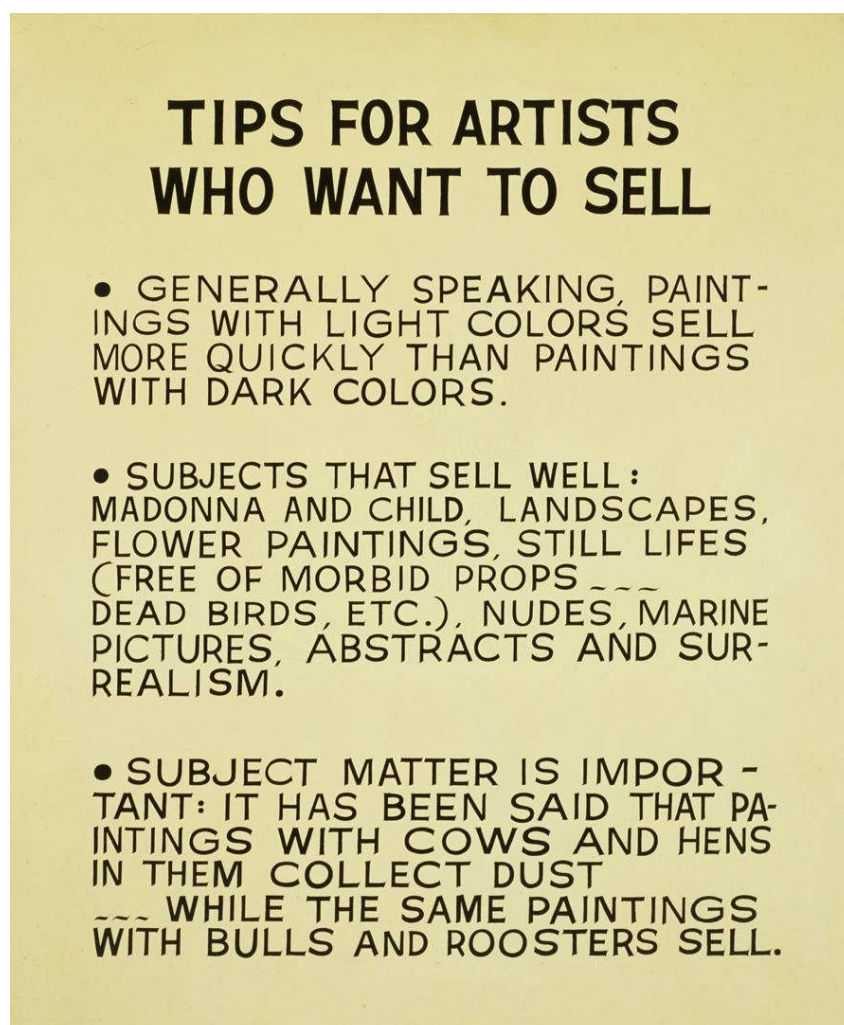


Figura 1: *Tips for artists who want to sell*, John Baldessari (1966-68)  
Fonte: Acervo *The Broad*, Los Angeles, Estados Unidos.

# ULTIMATE TIPS FOR ARTISTS WHO WANT TO SELL NOW

MAKE DOCUMENTARIES AND WORKSHOPS WITH  
MINORITIES LIKE REFUGEES, BLACKS,  
GAYS, WOMEN, MEXICANS OR MUSLIMS.

SUBJECT MATTER IS YOU. BE SELFISH. YOU'RE THE  
BEST. NARCISSIM IS THE BEST FACTORY OF HAPPINESS.

IF YOU DON'T KNOW WHAT TO DO, PUT A GLASS  
HALF FULL OF WATER AND SELL IT FOR MILLIONS.

FILM BULLFIGHTS OR BE AGAINST ANIMALISM: IS THE  
EASIEST WAY TO BE AN ATTENTION WHORE.  
FORMALDEHYDE IS UNDERRATED.

USE EGYPTIAN SYMBOLS SO THEY WILL THINK  
YOU'RE AN ILLUMINATI. FORGET ABOUT THE POPE.

BELIEVE IN CONSPIRACIES BUT BE PART OF THE SYSTEM.  
MAKE MONEY FROM YOUR STUDIO ASSISTANTS:  
GO TO CHINA, BRASIL OR CUBA.

AVOID PUBLIC APPEARANCES: YOU'RE ENIGMATIC,  
A GENIUS, A POSSIBLE REPTILIAN.

USE SHIT, URINE OR YOUR BED SHEETS  
AND MAKE AN INSTALLATION.

RIGHT OR LEFT: WHAT IS THAT? SMILE AND DRESS WELL.

IF YOU'RE IN TROUBLE, DO A REALITY TV SHOW,  
BUT USE DRUGS, DRINK AND FUCK.

Figura 2: *Ultimate tips for artists who want to sell*, Simon Contra (2016-18). QR code e puzzle de mil peças. 68x48 cm. Acervo do artista  
Fonte: Cortesia do artista.

## 2. Entrevista

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Comenzamos por la adopción de su nombre artístico, Simon Contra. Al asumir deliberadamente "Contra" como apellido, una palabra que en la mayoría de los idiomas latinos denota exactamente una oposición a lo que es la norma o incluso una no conformidad, me gustaría que nos hablase sobre cómo esta actitud de renombrar se refleja en su trabajo y en la forma en que ve el sistema del arte contemporáneo.

**Simon Contra:** Ante todo, muchas gracias por contactar y el enorme feedback recibido. Respecto al uso del nombre artístico, no hay mucho misterio. Suele tener una explicación racional: una duplicidad de nombre y apellido en la red, y por qué no también, cierta intención de marcar la diferencia. Contra es un apellido originario de los Pirineos catalanes, en Lleida: un pequeño pueblo en la alta montaña, Caregue, cerca de Sort. Es el apellido materno, de paso un homenaje a mi abuelo republicano, detenido en Portbou, y nuestra gente, y su significado, también es verdad, ayuda a entender, o no, las contradicciones de mi obra. Estaría bien que ambos conceptos se fusionaran... Aunque no sea santo de mi devoción, el artista Antoni Tàpies, informalista pero abducido por el poder institucional, se hizo conocido por grandes lienzos que parecían tapias, paredes... También pienso en Conan Osiris, pero ya sería otro debate... El apellido puede ser una cruz, pero hay algo cabalístico cuando todo converge y es real. La fusión entre arte y vida, aunque lo del nombre o los apellidos sea lo de menos. Siempre pienso en Tracey Emin y su cama sucia y vacía pasada por una depresión amorosa. Fue un escándalo. Tenía 18 años y fue una de las motivaciones para algún día realizar algo similar, quizá no en la forma, pero sí en el fondo. Como decía Albert Velasco, historiador del arte especializado en pintura gótica, comisario, influencer y exconservador del Museo de Lleida (institución que sufrió la retirada mediática de obras religiosas por un grave litigio patrimonial con Aragón, durante los duros días del referéndum en Cataluña), "el arte es hurgar en la herida". Una nota tomada al azar en una de sus clases que podría definir una de sus funciones [del nombre en el mundo del arte].

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Su producción es bastante amplia y multifacética. Durante catorce años su trabajo ha ido estirando los límites entre los propios dispositivos artísticos, desde las acuarelas hasta los videos, desde los collages digitales hasta las instalaciones, pasando por la pintura, el dibujo, etc. Estarías cerca de lo que el arte contemporáneo, en su limitación clasificatoria, describe como artista multimedia. ¿De dónde proviene este cambio a veces abrupto en los dispositivos y soportes adoptados? ¿El flirteo entre diferentes modos de producción comprende, en su opinión, un lenguaje específico?

**Simon Contra:** Aunque parezca tópico, desde siempre me fascinó Andy Warhol. Entré en su obra a través del álbum de The Velvet Underground and Nico. Luego supe sobre la Factory y que el artista era una especie de Paolo Vasile ultrarefinado y sin censura. Daba igual un western de hombres guapos y atléticos que poner unos globos de helio plateados en una galería. Por supuesto, uno también se entera que no era tan perfecto como solías imaginar, pero ya estaríamos con la cancelación de la cultura... Sea como sea, no sé si es por la ripofobia pero me cuesta asimilar la producción artística como una búsqueda bajo un mismo estilo, colores, formato, género, material... Entiendo que el mercado del arte funciona si las telas o esculturas de tal artista se venden como rosquillas, pero está claro que el objetivo de un discurso así está más lejos de

trascender, sino es en una (hipotética) futura especulación. No se puede generalizar y hay mucho de contemplativo, pero al final me quedaría con todo, arte bueno, malo, estético, repetitivo o no, sin excepción, pero es de agradecer entrar a una exposición como entrar en una atracción de feria, sentir a flor de piel a través de diferentes dispositivos y dimensiones y captar un mensaje. Pienso también en el interior de la Sagrada Familia de Barcelona, para algunos un festival kitsch. Quizá la utopía sea un sistema como la Biennale di Venezia en los Giardini y Arsenale. Un Eurovisión artístico donde caminas entre máquinas de humo o una cabeza de astronauta, participas en una yincana clandestina o te cueles en la trastienda de una tienda de perlas, una instalación de Mika Rottenberg de 2015 con un video que generaba humor, sorpresa y complicidad entre el público, muy numeroso. Algo muy distinto sería la exposición Björk digital, ya porque no sea estrictamente una artista visual, que lo es, y quizá ha llegado antes que nadie a adoptar aquello de “la obra de arte total” wagneriana, pero a veces parece un ejercicio de demostración tecnológica, en este caso, algo narcisista. Menos es más y las producciones más cutres pueden ser las mejores, como en el caso de Rottenberg, aunque buscado en el diseño de producción, o sobre todo de Emin.

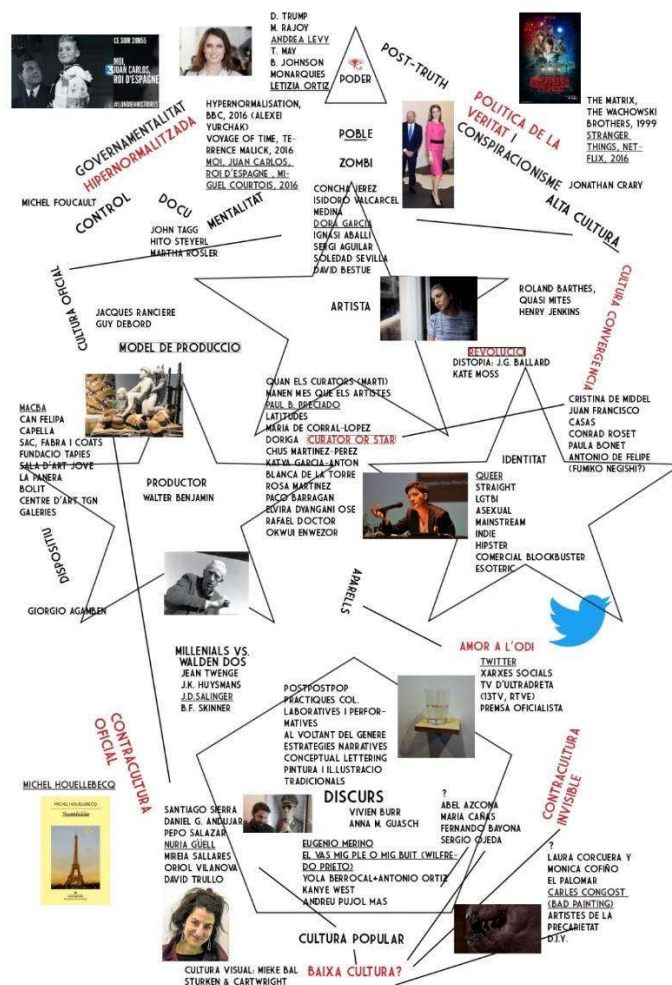


Figura 3: S/ titulo, Simon Contra (2016-21). Organograma digital. S/dimensões  
 Fonte: Cortesia do artista.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** De sus obras más recientes, me gustan especialmente *The Conspiracy*, *Nostalgic Bags* (Figura 5) y *Catedral de la Santa Alarma* (Figura 6), todas desarrolladas en 2020. Aunque se materializan a través de soportes muy diferentes, me doy cuenta de que provienen de un debate horizontal sobre una sociedad donde la histeria política y el consumo convierte nuestros miedos distópicos en realidad. En este contexto, ¿cómo ve la relación actual entre política, arte y sociedad? ¿El arte sigue siendo un lugar para afrontar las crisis?

**Simon Contra:** Por supuesto. Pienso en Santiago Sierra. Rechazó una medalla que le iba a conceder el rey emérito Juan Carlos. Sería como el beso entre Ada Colau y Manuel Valls, aunque salvando las distancias. Objetivamente, seas independentista o no, catalán, español o francés, comprendes que estar en el poder no es lo mismo que estar en la calle, siendo activista. También hay que entender a la alcaldesa y lo que ella o sus asesores saben o no sobre todo lo demás, a nivel social, económico, de la ciudad... A veces hay que bajar del burro, está claro. Las tres obras citadas fueron un divertimento, no han sido físicamente expuestas ni quizá lo serán, primero porque habría que comprar de nuevo las cervezas y quizá los cuadros de bolsas se transformen en algo nuevo, no lo sé. *The conspiracy virus diaries* es diferente. Nació como un diario personal en mi web, coincidiendo con una época de convulsión amorosa, precariedad laboral y la redacción de un trabajo de fin de grado que me acabó de encerrar, justo al inicio del parón por el virus. A finales de otoño se inauguró una exposición en el Centro de Arte La Panera de mi ciudad, sobre la censura en la colección Tatxo Benet. Es imperdible. Su título *Líneas rojas* e incluyó una inmensa lista de afectadas que se han dado contra la pared de la institución, sea cultural, religiosa o gubernamental. Podría citar a Abel Azcona, Núria Güell o Eugeno Merino, pero también Ines Doujak (su obra provocó la dimisión del director del Museo de Arte Contemporáneo de Barcelona), Zoulikha Bouabdellah, Amina Benbouchta o Robert Mapplethorpe (¿Museo de Serralves?). Estamos destinados a depender de las instituciones por la precariedad asociada al arte contemporáneo, como pasa con la danza, la ciencia y ahora la música pop. Sólo el mercado privado, y el éxito, pueden obrar el milagro de la independencia artística. Es triste que ocurra en el arte o la literatura y una suerte para el cine, donde suele tener efectos buenos en taquilla... como las películas de Gaspar Noé. Supongo que también la edad y el reconocimiento generan cierta carta blanca en trayectorias finales como las de Godard o De Oliveira, no tan disonantes. Pero ahí está la extraña muerte de Kubrick antes del estreno de *Eyes Wide Shut*, Mark Lombardi, Pepe Rubianes, Khashoggi o incluso Pablo Hasél, si me apura...

**Henrique Grimaldi Figueredo:** *The Conspiracy* es un trabajo muy interesante. Creo que es incluso arqueológico en el sentido de que está acumulando una serie de recortes y registros aparentemente indiferentes para componer una narrativa coherente. También hay una broma entre la realidad y la edición, así como entre el

hecho y la imaginación mitológica (y casi psicótica de las mentes que crean teorías de la conspiración). ¿Cuáles fueron las preguntas que llevaron al desarrollo de este trabajo y cómo fue su proceso de selección y montaje de estas narrativas?

**Simon Contra:** Gracias por las palabras. *The Conspiracy* nació del aislamiento doble ocasionado por el confinamiento. Digo doble porque los últimos años he dedicado mi tiempo al estudio y puntualmente a algunos trabajos expuestos, no solía salir el fin de semana, esporádica vida social y, cómo no, cierta soledad crónica que persigue a los artistas... En 2018, abandoné Barcelona para regresar a mi pueblo, de apenas 700 habitantes. Había conseguido el grado en Bellas Artes y daba por cerrado un ciclo. Ansiaba el silencio. El confinamiento me pilló con los míos, una casa de tres plantas y chimenea, calles que ya estaban vacías y el sonido impagable de las palomas, tórtolas turcas, gorriones y golondrinas. Tenía medio grado de Historia del Arte que colgué a los 22 años y lo saqué en junio del año pasado. Como no soy activo en redes sociales, pensé en algo más íntimo, un scrolling de imágenes, canciones o frases que pudieran relacionar el momento de pandemia declarada por la OMS, con un tono menos político y más espiritual, mezclando aspectos de la vida personal. Era un escape, antes o después del gimnasio, en casa. Sólo podía seguirse en la web, público reducido e interesado porque sí... Siempre he sentido una mezcla de rareza y curiosidad con Aby Warburg y el Atlas Mnemosyne o los gráficos de Lombardi. Parecen obras realizadas por extraterrestres, como Greta Thunberg, según las teorías de conspiración... El paso del Oumuamua, las Trumpetas del apocalipsis o la ultraderecha, el incendio de Notre-Dame (la caída de la aguja vista como un nuevo 11-Septiembre) se mezclan con la filosofía hindú, el Santo Grial, la Gioconda o el Lohengrin de Wagner. Salvador Freixedó, autor de *La granja humana* o los Milli Vanilli convergen con la pastilla roja de Matrix, la estatua de sal, una frase del Papa Francisco, la Capilla Sixtina, la serie V, Mina, Kate Bush, o Camilo Sesto... Es una mezcla explosiva que gravita alrededor de la (sincro)mística, la reclusión, los enigmas, los símbolos, los desastres patrimoniales, la exopolítica, el vacío, el amor y el rechazo, el pesimismo, la resignación... pero son sólo fotogramas...

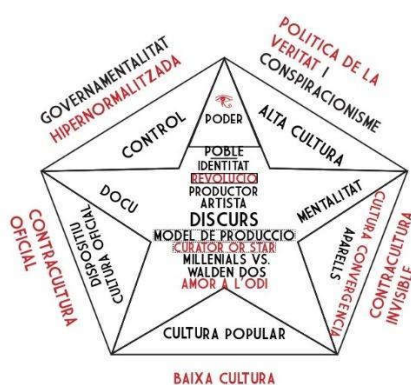


Figura 4: S/ título, Simon Contra (2016-21). Organograma digital. S/dimensões  
 Fonte: Cortesia do artista.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Eres un joven artista afincado en España, un país que, aunque europeo, tiene una cierta marginalidad -salvo excepciones- en el panorama internacional del arte contemporáneo. ¿Cómo ve el campo del arte en Europa y cuáles son las posibilidades de incluir su obra -que se ha vuelto particularmente provocativa en los últimos años- en estos espacios-"dicho" - del arte legítimo? ¿Es más fácil, por ejemplo, estar representado por una galería si eres un artista disruptivo o alguien que trabaja con los temas y técnicas que ya son recurrentes? ¿Y cómo ve esto en relación a los museos y las instituciones?

**Simon Contra:** Es cierto, España siempre ha tenido el San Benito de ser la última, pero es un error. Nuestra cultura es profunda, ha dado a Lorca, Dalí y Buñuel, un trío mágico que a muchas nos hubiera gustado vivir, a pesar de la Guerra Civil. Dalí, aunque en convivencia con Franco, trajo la libertad al Ampurdán, casi en paralelo a la muerte del dictador... y la modernidad a España y al mundo... Amanda Lear... Por supuesto, no es un buen ejemplo, pero tampoco lo es Picasso en otros aspectos. Barcelona siempre ha sido más liberal, conectada con Francia, cerca del mar, pero el negocio es diferente. Madrid ha captado el protagonismo galerístico desde la creación de ARCO. Por otra parte, Barcelona ha apostado por otro modelo con SWAB, mucho más horizontal. Hay galerías como Bombon Projects que ya realizan un esfuerzo de renovación generacional. Es un cambio. Es antidemocrática la censura en ARCO. Los 'presos políticos' de Santiago Sierra fue la gota que colmó el vaso, pero es comprensible. La derecha siempre ha tenido más poder en Madrid y las políticas culturales, como todo, y también en Barcelona, son pasadas por un purgador, del color que sea. A la vez, creo en un todo y que hay personas, contraste de ideologías, diálogos, cenas, conversaciones y siempre puede haber un acuerdo. Por lo menos, tenemos la suerte de ser una pequeña familia, con muchas diferencias de clase y conscientes de que arriba hay muchos hilos. A nivel personal, no me importaría para nada estar representado, aquí o más allá, y empezar a viajar, algo que no realizo por el miedo a los aviones, pero tampoco he sido de presentarme a galeristas. He podido, pero pienso que debe ser natural, así como trabajar con instituciones, la mayoría de ellas catalanas, por lo que siempre hay una mirada hacia al conflicto catalán, aún sin solución. Aún así, he participado en un nuevo proyecto cultural en El Born, Rec32, y estarán disponibles algunas obras de pequeño formato, como las cerámicas... No siento que mi obra sea provocativa o disruptiva, pero sí creo necesaria esa interrupción en el espacio/tiempo de cómo nos cuentan la realidad y salir de ello, encontrar respuestas alternativas como quien lee Forocoches o J.F. Martel.



Figura 5: *Nostalgic Bags*, Simon Contra (2020). Shopping bags on canvas, 90x118 cm  
 Fonte: Cortesia do artista.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Aún como una extensión de la pregunta anterior, ¿identifica algún modelo o fórmula de éxito para ser un artista de reconocimiento económico e institucional en el arte de hoy?

**Simon Contra:** No podría decir cuál. Eugenio Merino quizá ha conseguido internacionalizarse por el mensaje Coca-Cola y porque muchos de sus protagonistas son famosos. Él o Carlos Aires forman parte de Adn Galería. Hay un mensaje de cambio. Es estético, pero también duele. Supongo que hay que jugar a dos bandas, encontrando cierto equilibrio en los procesos, el acabado final, la recepción, aunque algunas veces trabajo más el proyecto como si fuera un pequeño cuento o libro, o un disco, hilvanando historias, no centrado tanto en las piezas. También está el factor viral, por ejemplo, el ceramista Ron Nagle, nacido en 1939: su exceso de glossy y las formas escatológicas son la metáfora ideal del mundo feliz y, de momento, jodido, que nos toca vivir. Nuestra responsabilidad es aportar luz a todo ello, si puede ser con algo de humor. Llegar a todo el mundo, eso sería lo mejor, más que cualquier otro reconocimiento. Llegar a todo el público, de cualquier lugar, piense lo que piense, sienta lo que sienta... Si lo traslado al pop, identifico en Portishead una fórmula ideal de éxito: discreción, misterio, mensaje, humildad y coherencia. Puedes escuchar a Gibbons entre scratchings abrumadores o la Polish Radio Symphony Orchestra,

entrever su voz fantasmal en la Sinfonía de las Lamentaciones de Górecki, en vaqueros y sudadera negra. Es una sencillez inusual que ves en artistas visuales como Joan Fontcuberta, al que identifiqué en una edición de la feria Arts Libris. Lo pensé dos veces, pero le pedí un autógrafo. Un hombre que pasa muy desapercibido pero que no para, al estilo de un Wei Wei a pequeña escala, pero condensado. Ambos ejemplos cuentan con una crítica implícita hacia el sistema, con los visuales de la gira de Third o el proyecto Deletrix. Por otro lado, la reclusión de un artista refuerza la esencia de una obra. Pasa con Aphex Twin, Burial, Antoni Casas Ros, Javier Aramburu, Fiona Apple, Salinger, Pynchon... Cuánto cambiaría el mercado si en lugar de *statements*, *white cubes* y absurdidades epatantes nos sedujeron como pasó con la *nouvelle vague*. Pero como dijo Baumann ahora todo es líquido, somos como Nemo e incluso un libro de 1936 como *La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica* nos parece una novedad. ¿Quién es el único animal que tropieza dos veces en la misma piedra?

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Conocí su trabajo a través de su brillante instalación “*Ultimate Tips*” de 2016-2018, que rinde homenaje al gran artista estadounidense John Baldessari, fallecido en 2020, además de actualizar las críticas que trajo en “*Tips for artist who want to sell*”, de 1966-68. ¿Cuál es su relación con la obra original de Baldessari y qué inquietudes buscaba para hacer una actualización crítica de este modelo de éxito en el arte contemporáneo? ¿Crees en el mercado? ¿Qué pasa, en su opinión, con la relación entre mercado e institución?

**Simon Contra:** Si digo la verdad, se trató de un trabajo para la asignatura “Visualidades contemporáneas” de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad de Barcelona. Como estudié tarde y necesitaba nueva obra, producía para la universidad, pero luego lo reciclaba en mis proyectos. Incluso incluye una frase del profesor, “El narcisismo es la mejor fábrica de infelicidad” pero invirtiéndolo a “felicidad”. Cuando conocí los *Tips* originales de Baldessari me parecieron anticuados y quise renovarlo. En la traslación al vídeo hecho con Loquendo y fragmentos de YouTube, me refería al vaso de agua medio lleno ¿o vacío? de Wilfredo Prieto, Damien Hirst o la posibilidad de que los artistas, mediante su aislamiento del mundo, puedan ser reptilianos. Hasta su muerte, no fui consciente que Baldessari era considerado el padre del arte conceptual. Su obra es ligera, clara, de una California que, pese a todo, aún sigue a su aire, con libertad y mucho Sol. Y fue en Mallorca, otra tierra de Sol y mar, en Inca, donde lo convertí en un puzzle de 1.000 piezas, que había que montar. Puede ser complicado, pero si codificas en cierta forma la obra, difuminas la frontera entre lo público y lo privado. Ahora habría que volver a actualizarlo, todo cambia, todo muta, como Twitter, como un *scrolling* masivo, de millones de ojos. Y ahí está la clave, de nuevo: las personas, las comunidades, sean LGBTI, negras, amarillas, católicas o musulmanas, seguidores del *alt-right* o gamers solitarios... Quiero pensar que el mercado es el público, no la élite, los que programan, los que mueven los títeres. No

es difícil asumir que estamos teledirigidos, en medio de una crisis sanitaria que utiliza el recorte de libertades, la supresión de la cultura y el aumento de la pobreza para fines no muy humanitarios. A partir de ahí, cualquiera puede opinar, juzgar, escribir o dar su versión sobre lo qué pasa, que, en realidad, todos, por lo menos las clases trabajadoras, sabemos qué y cómo ocurre... el inconsciente colectivo de Jung o aquella frase de Lennon sobre la vida, aquello que pasa mientras hacemos otros planes...



Figura 6: *Catedral de la Santa Alarma*, Simon Contra (2020)

Fonte: Cortesia do artista.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Muchos artistas comparten su enfoque crítico sobre el mercado y las instituciones. Una mirada rápida a la producción de nombres como el colectivo Guerrilla Girls, o el artista brasileño Cildo Meireles, o el propio Badessari, es suficiente para que entendamos la regularidad de estos temas. ¿Cuáles son tus mayores referentes artísticos y pretendes aportar nuevamente la crítica sobre el arte y el mercado en futuras obras?

**Simon Contra:** No quisiera quedarme sólo ahí. Cuando regresé a mi pueblo, sentí la necesidad de volver a pintar. Conseguí la beca de la Fundación Felícia Fuster y aunque tuve que modificar algunos de los cuadros, mediante un común acuerdo, (secreto: hay una frase escrita en lápiz sobre dos figuras oscurecidas (tapadas, Felipe y Franco<sup>50</sup>) que anima a “quitar el betún”), regresé a un desván lleno de imágenes, símbolos, ideas, fotos, a partir del elemento niebla. Lleida es Mórdor a partir de otoño y hasta bien entrada la primavera. Peor que Frozen, pero en lugar de convivir (mal)

---

<sup>50</sup> Uma analogia entre o atual rei espanhol, Felipe VI e o ditador Francisco Franco, que governou a Espanha de 1939 a 1975.

con ello, lo superé con el proceso pictórico. Fueron expuestos con máquina de humo, la segunda vez que la uso junto a un lienzo. El olor, la vista, el tacto... son experiencias que instalaciones como *Volátil* de Cildo Meireles te llevan a otro terreno. Alexander McQueen, Cristina de Middel, PJ Harvey, Jenny Hval, Charlotte Gainsbourg, David Lynch, es una mezcla... A veces son obras como *Fart Global Art Fair* de Raisa Maudit o *L'assemblea 2.0* de Miquel Garcia, un conjunto como Rogelio López Cuenca, Pere Llobera, Enrique Marty o María Cañas, pero también Dan Lacey, John Waters o Stephen King. Por ejemplo, King siempre extrae algo valioso, en lo fantástico o terrorífico, de una América putrefacta, con un barniz popular, terriblemente real, casi anticipándose a muchas de las nuevas realidades. Una mezcla de astucia, inteligencia y fidelidad a los lectores que ha convertido su universo en una mina de adaptaciones. Una aceptación a medias de lo que vivimos, siendo honesto, pero sin convertirse en un problema -sí para Trump [Trump es un problema real]-, formando parte de la comunidad... Cuando lees mientras escribo comprendes aquella rabia, trabajar limpiando manteles de restaurantes en pleno verano, con gusanos, o vivir en una caravana... Sabemos que muchos de los mortales en arte, música o literatura, por suerte o por desgracia, no han necesitado tocar fondo. Bravo por ellos, pero las personas hechas a sí mismas, desde abajo y hacia arriba, sin ayudas familiares ni económicas de cualquier tipo, son más fáciles de admirar, aunque luego está Kardashian, el trap, el reguetón, Grimes, 6ix9ine, el Bieber y la Hilton. Hay que vivir con ello. Al final, todo pasa por el turmix y hay cierta justicia universal que nos lleva a replantearnos a Jan Fabre, Michael Jackson, Marina Abramović o Lars von Trier. Lo que consiguió alguien como Mike Kelley, Vasconcelos a lo punk, es un propósito.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** En un escenario poco alentador para los jóvenes artistas que desean sobrevivir del arte, ¿cuáles son las posibles salidas? ¿Cómo seguir produciendo arte crítico en tiempos de secuestro simbólico y financiero de instituciones y museos por parte de los "poderosos" de este mundo? ¿Cuáles son los posibles caminos para un arte contemporáneo no prostituido?

**Simon Contra:** Estoy de acuerdo, pero hay que tener esperanza y pensar que todo fluye. Por el momento, gestiono yo mismo todo lo que puedo cuando es necesario y me pregunto si va a gustar, a durar, a perdurar, a provocar alguna reflexión... Es cierto que con el virus aún el secuestro es mayor, de la cultura, de la vida social, del comportamiento, del (nuevo) orden mundial, pero al final el público tiene la última palabra y todo esto formará parte de nuevos enfoques que indagarán en la verdad. Se puede sugerir, dar pistas, mensajes en clave y distraer con gracia con un contenido políticamente incorrecto o arriesgado, pero con gracia. Oriol Fontdevila, comisario e investigador, solía usar unos esquemas muy curiosos con rotulador, en pizarra, directos, piramidales, sobre la cultura: baja, popular, alta, contracultura. Creemos que lo mejor está en el ático, pero a veces lo memorable se cuece en el bajo o en un sótano o un almacén. Los de arriba pueden pasar abajo, al olvido o ser cancelados, y

los de abajo trasladarse al ático... El arte contemporáneo no conecta porque se propone no seducir, prefiere un flujo controlado de visitantes, no sea que todos nos volvamos cultos y refinados. Citaría a Christian Alonso como uno de los comisarios que rompe cierta rigidez con un aire hygge, a través de la ecología. La música indie (o independiente), desde los años 90, ha sabido reunirse alrededor de pequeñas discográficas, con espíritu *teen*, auto editándose, apoyándose en festivales, radios, revistas, cuidando los formatos, el vinilo, el cassette, con un periodismo que humaniza mucho más a las artistas. Las galerías suelen ser más estáticas, son las protagonistas como lo son, a veces, los comisarios, relegando al creador a una intervención temporal. Debería priorizarse la exposición como un álbum y las galerías deberían ser el reflejo de la música que suena. La correspondencia tendría que ser recíproca y total, pero sí, luego está el museo y cuando te cuentan la verdad nunca es agradable. Pienso en el documental *MACBA: La derecha, la izquierda y los ricos* de Jorge Luis Marzo, entre otros. Sólo hay que ver para creer y creer que los museos, como las bibliotecas, son del pueblo, patrimonio común y universal, como el saber, pero luego está todo lo demás, generalmente tapado, oculto.

**Henrique Grimaldi Figueredo:** Para terminar, me doy cuenta de que el tema político, principalmente en su realidad local, aparece mucho en sus últimos trabajos. Uno de los cuadros de *Miami Lies* trae una imagen del partido ultraderechista de Cataluña, Vox, y en *España se Rompe* combina un casco militar restaurado de la guerra civil española con un cuadro en el que vemos a Cataluña suelta en el mar Mediterráneo. , haciendo una isla. ¿Es el tema político su principal interés en este momento? Sé que la serie *Miami Lies* se produjo durante la segunda ola de aislamiento social en España debido a la pandemia global de COVID-19, ¿cómo interfirió el aislamiento social en sus modos de producción y en la elección de los temas a tratar?

**Simon Contra:** Siento la necesidad de realizar algo más con la obra, establecer un vínculo con el presente, los temores, los miedos, la ultraderecha, el AfD, el FPÖ o VOX, Bolsonaro, Salvini, Abascal o Erdogan, pero porque tengo una responsabilidad como persona que ama la libertad y desea la libertad en Cataluña, España, Brasil o Irán. La migración, los derechos LGBTI, el feminismo... Sabemos qué les aturde... Estoy trabajando en algo sobre ello, podrá verse en julio en Viena. Es más preocupante lo que todo lo que no nos gusta esconde, aquello que subyace como un monstruo en la oscuridad, la historia, la repetición, la enésima mea culpa de un planeta desquiciado. Haneke... Como cantaba Lana del Rey, "*L.A. is in flames, it's getting hot/Kanye West is blonde and gone*". Jafar Panahi, condenado a no realizar películas, tiene mucho más mérito que el marido de Kim, en un taxi o en un SUV, como *La ventana indiscreta* de Hitchcock, pero en versión *road movie*. Ahora todo es más como *Cosmopolis* de Cronenberg. Los happy few ven TikTok ... España ya sufrió una Guerra Civil, pero nada está escrito. Se aprietan las tuercas en función del desorden. Seguimos con la "ley Mordaza", y, ahora, con mascarilla. Presos políticos, exiliados, Hong Kong, Chile,

Assange, Navalny, pero en fin... Quédate en casa. Viví el segundo confinamiento del verano en Miami Playa, en la Costa Dorada, por razones laborales, mientras que en mi pueblo acudía Antena 3 o Telecinco por ser el Segrià la primera comarca catalana en volverse a cerrar... ¿Por qué? ¿Por la llegada de inmigrantes durante la recogida de la fruta? Todo muy extraño... Tuve suerte. Miami estaba casi desierto, las calas, las playas, los bares, los apartamentos... A partir de allí, exploré su estética, carteles comerciales de los 60, anuncios de pollerías, la iglesia, un frankfurt gigante de una carnicería alemana o una mascarilla tropical con Bill Gates, Soros o un hámster en la rueda. Fue reparador, un juego de contrastes entre un cuento de hadas y el regreso de Dorothy a casa.

París, Francia y Lérida, España.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras.
- Moulin, Raymonde (1992). *L'Artiste, l'institution et le marché*. Paris: Flammarion.
- Moulin, Raymonde (2007). *O Mercado da Arte: mundialização e novas tecnologias*. Porto Alegre: Zouk.
- Moureau, Nathalie (2017). Tout ce qui brille n'est point or, *Ouvrir*, v.13 (2), 436-457.
- Ortiz, Renato (2019). *O universo do Luxo*. São Paulo: Alameda

**Agradecimentos:** Agradeço imensamente ao artista Simon Contra pela disponibilidade e conversa honesta, assim como pela cessão das imagens de suas obras reproduzidas ao longo deste artigo.

**Henrique Grimaldi Figueredo.** Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP), Brasil e Pesquisador visitante no Laboratoire Mondes Américains da École des Hautes Études en Sciences Sociales (MOAM/CRBC - EHESS), França. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) nº 2019/10315-5 e bolsa BEPE nº 2020/02298-0. R. Cora Coralina, 100 - Cidade Universitária, Campinas - SP, 13083-896, Brasil. E-mail: henriquegrimaldifigueredo@outlook.com. ORCID: 0000-0002-6324-4876.

Receção: 16/10/2021

Aprovação: 03/11/2021

#### Citação:

Figueredo, Henrique Grimaldi (2021). Simon Contra: etnografias de um jovem artista. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(2), pp. 123-140. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n2rp1